

Ano 1 • nº 9 • 2002

# NÓS DA ESCOLA

[www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola](http://www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola)

Educar  
é  
pra cima!

Pé na Estrada  
Mestres com M maiúsculo

ISSN 1676-5141



9 771676 514092 00009

[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)

MULTIRIO

# NÓS DA ESCOLA



Desenho do aluno Wayne da Silva Cachco, Núcleo de Arte Gráfica, Penha, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

<b>Editorial</b> _____	<b>4</b>
Prezada Professora Ana	
<b>Cartas</b> _____	<b>5</b>
Música, Código Civil, Alfabeto do Professor e Elogios	
<b>Ponto e Contraponto</b> _____	<b>6</b>
Por que seguir a carreira do magistério? Um bate-papo com o educador Rodolfo Ferreira	
<b>Zoom</b> _____	<b>10</b>
Meu mestre inesquecível	
<b>Atualidade</b> _____	<b>12</b>
Construindo um mundo saudável	
<b>Olho Mágico</b> _____	<b>14</b>
A vez dos jovens	
<b>Capa</b> _____	<b>16</b>
Ser educador é...	
<b>Pé na Estrada</b> _____	<b>24</b>
Homens no magistério	
<b>Carioca</b> _____	<b>27</b>
4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes	
<b>Caleidoscópio</b> _____	<b>28</b>
Produtos da MULTIRIO na sala de aula	
<b>Professor On-line</b> _____	<b>31</b>
Bônus para quem dá aula	
<b>Vida de Professor</b> _____	<b>32</b>
Vale a pena!	
<b>Tudoteca</b> _____	<b>34</b>
Dicas de leitura, filmes, videos e agenda de eventos	



Empresa Municipal de Multimeios

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ  
CEP 22260-210 • [www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br) • [ouvidoriomultirio@pcrj.rj.gov.br](mailto:ouvidoriomultirio@pcrj.rj.gov.br)  
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

**Cesar Maia** - Prefeito • **Sonia Mograbi** - Secretária Municipal de Educação • **Regina de Assis** - Presidente da MULTIRIO • **Maria Inês Delorme** - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628) • **Ana Lagôa** - Supervisão editorial • **Solange Jobim** - Supervisão pedagógica • **Élida Vaz** - Assessora de comunicação e ouvidora • **Guaira Miranda** - Gerente de multimídia • Colaboradores: **Alberto Jacob Filho** (Fotografia), **Cristina Campos** (Conteúdo), **Cristina Morel** (Conteúdo), **Erick Grigorovski** (Ilustração), **Joanna Miranda** (Conteúdo), **Lúcia Barreiros** (Produção gráfica), **Marcus Tavares** (Reportagem), **Martha Neiva Moreira** (Edição), **Nancy A. Soares** (Revisão), **Eduardo Ofeliano** (Ilustração), **Suely Barreto** (Conteúdo), **Tania Oliveira** (Projeto gráfico e editoração) • Fotolitos e Impressão: **Gráfica e Editora Posigraf** • Tiragem: **40 mil exemplares**

Prezada Senhora Ana,

Há muito tempo não nos vemos, mas estou sempre lembrando de você e contando a experiência que vivemos com aquela turma 103.

Quando o Distrito de Educação e Cultura (DEC), hoje Coordenadoria Regional de Educação, completou a necessidade de professores de nossa escola, lotando os concursados, você estava entre eles e só podia dar aulas no turno da tarde, porque tinha outra matrícula em uma turma de 4ª série em outra escola.

O horário e a localização da nossa escola era conveniente para você, mas lembro como ficou preocupada porque não alfabetizava há muitos anos. E ainda havia a fama da turma 103, remanejada para nossa escola como alfabetizada, mas que os alunos mal sabiam escrever seus nomes. E os que o faziam, usavam letra bastão.

Naquele dia, você me disse que não podia fazer a capacitação de alfabetização oferecida, pela manhã, no DEC, porque estava em outra escola, trabalhando. Naquele tempo, não havia opção, como agora, à noite ou aos sábados.

Lembro, também, que você ficou assustada quando uma colega disse que sua turma era composta daqueles alunos que a outra escola parecia querer se ver livre, aqueles indisciplinados, incapazes de aprender...

Não foi fácil, colega, e precisamos apoiá-la. Havia aquele que subia na mesa, o "valentão" que batia nos colegas, o que ameaçava, todo dia, baixar as calças, o filho da alcolátra, do catador de papel e ainda aquele que levantou o hábito da freira para ver o que tinha debaixo dele...

A escola não propunha uma disciplina rígida, mas aquela turma ultrapassava todos os limites de convivência. E você foi trabalhando direitos e deveres seus e dos alunos e conseguindo a mudança de atitude da turma. Passar, depois, pela porta de sua sala e ver os alunos produzindo em grupos, era muito gratificante.

Usava a cartilha que conhecia e que já não era, naquele tempo, reconhecida como melhor instrumento para alfabetizar e, nos intervalos dos turnos, pegava as sugestões da outra regente de 1ª série que fazia a capacitação.

Você trabalhou com as diferenças e buscou construir ações no sentido da constituição de valores, hábitos e conhecimentos.

Ao final do ano, aquela turma, há 5 anos na 1ª série, conseguiu ser alfabetizada por você, professora Ana. Lembro da alegria de todos **nós da escola**, com os alunos indo para a 2ª série.

Com esta carta dirigida a você, quero homenagear todos os professores da Rede Municipal do Rio de Janeiro que, com seu compromisso, trabalham para que nossos alunos se tornem sujeitos críticos, verdadeiros cidadãos.

Como disse um aluno do PEJ ( Programa de Jovens e Adultos), a gente não pode perder a esperança!

Obrigada



**Sonia Mograbi**  
Secretária Municipal de Educação

## Música

Parabenizo a Secretaria Municipal de Educação (SME) por oferecer aos professores da rede o curso *Música na Escola*, em parceria com o Conservatório Brasileiro de Música. Apesar de não ter concluído ainda os quatro meses do programa, já posso afirmar, com toda a certeza, que as minhas aulas ganharam um brilho e uma poesia que nunca tiveram.

Fico feliz que a Prefeitura tenha apostado no sucesso de uma parceria tão promissora. Confesso que só fico triste quando penso que o curso está chegando ao fim. Espero que o projeto continue levando a magia e o encanto da música para as salas de aula e para a vida de todos nós. Afinal, as nossas crianças merecem!

**Professora Sônia Villarinho** 

Escola Municipal Virgílio Várzea, Pechincha,  
Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

**N. da R.** - A equipe da *Nós da Escola* agradece a sua participação.

## Código Civil

Sou professora de História e desenvolvi um trabalho escolar junto com os meus alunos. Comparamos a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, e o novo Código Civil brasileiro - que entrará em vigor no próximo ano. Como um dos instrumentos de pesquisa, utilizamos a reportagem *Novo Código Civil brasileiro*, publicada na revista *Nós da Escola* nº 6, páginas 14 e 15. Os alunos puderam entender que a História não é algo parado ou voltado, exclusivamente, para o passado, mas dinâmico e atual. E principalmente que está relacionado com a vida deles.

**Professora Marisa Luna Nogueira** 

Escola Municipal Dr. Jair Tavares de Oliveira, Campo Grande,  
Zona Oeste, Rio de Janeiro (RJ)

**N. da R.** - Ficamos felizes pelo trabalho. Um dos nossos objetivos é contribuir para a qualidade da ação dos professores em sala de aula.

## O Alfabeto do Professor

A - amigo; B - bom; C - carinhoso; D - dedicado; E - especial; F - fiel; G - gentil; H - humano; I - inteligente; J - jovial; L - leal; M - maneiro; N - natural; O - organizado; P - de paz; Q - querido; R - religioso; S - sabido; T - tesouro; U - unido; V - verdadeiro; X - xodó; Z - zeloso

Trabalho feito pelos alunos da turma 1204, da Escola Municipal Otelo de Souza Reis, Santa Cruz, Zona Oeste, Rio de Janeiro (RJ).



## Elogios

Gostariamos de cumprimentá-los pelo trabalho desenvolvido na revista *Nós da Escola*. Tomamos conhecimento da publicação e utilizamos as matérias, inclusive, no nosso Curso Normal. Nossos votos são de que continuem com o brilhante trabalho desenvolvido e, desde já, contamos com a colaboração de vocês.

**Rachel Therezinha** 

Colégio Nossa Senhora da Piedade

Sou professora municipal de Niterói. Recentemente, visitei o estande da MULTIRIO no evento *Primavera dos Livros*. Quero parabenizar o trabalho da MULTIRIO. Louvável o trabalho de uma empresa pública, voltada para a Educação, oferecendo recursos tão eficientes como a revista *Nós da Escola*, contribuindo assim para o crescimento pessoal e profissional de seus professores.

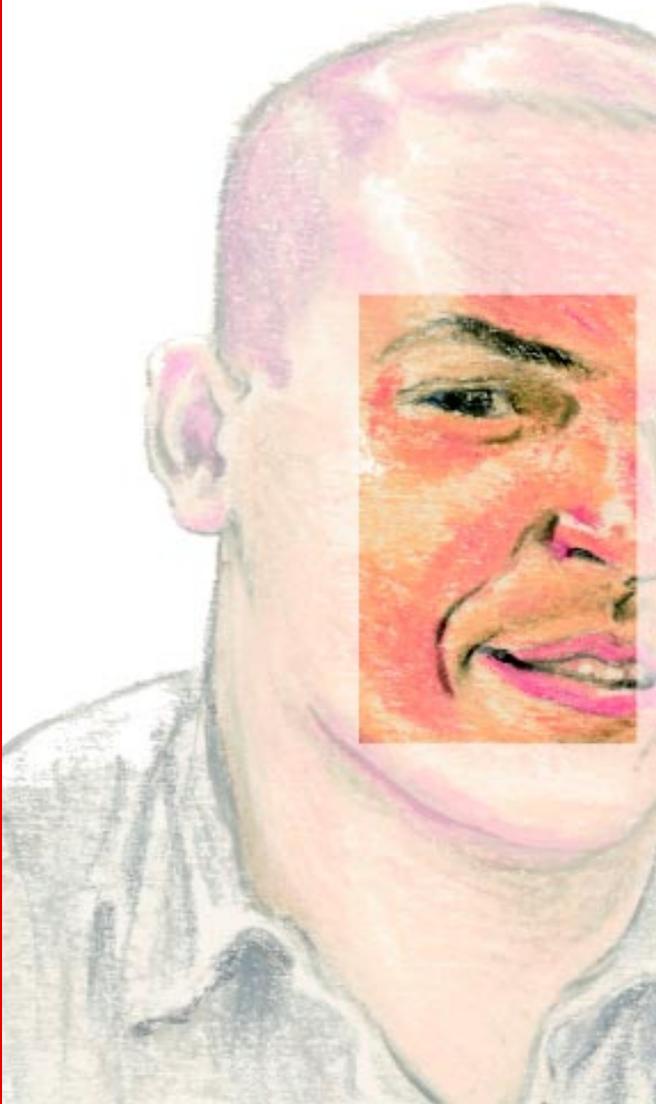
**Professora Tereza Aguiar** 

**N. da R.** - A MULTIRIO e a equipe da revista *Nós da Escola* agradecem os elogios.

 Carta  Telefone

 E-mail

# Magistério, escolha ou vocação?



Depois de gerar polêmica com o livro *Entre o sagrado e o profano: o lugar social do professor* (Editora Quartet), que trata do processo de desvalorização do magistério, Rodolfo Ferreira, chefe do departamento de Estudos Gerais da Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), se debruça, agora, sobre outra questão: o que leva as pessoas a optarem por uma atividade que perdeu tanto prestígio? Para responder a esta pergunta, sua recém-concluída tese de doutorado recorre ao imaginário social, mais especificamente à crença na vocação. De acordo com o estudo realizado na Universidade de São Paulo, as pessoas que se apresentam como vocacionadas quase sempre fazem suas escolhas declarando um profundo amor, uma forte paixão pelo magistério: “O resultado disso é uma prática pedagógica pautada em valores como solidariedade e respeito ao próximo”, afirma em entrevista à **Nós da Escola**. Rodolfo Ferreira, também professor de Sociologia da Educação da Uerj, fala de seu novo trabalho e traça o perfil dos profissionais de ensino que hoje estão nas salas de aula de todo o país.

**Embora muitos acreditem que a profissão de professor esteja desvalorizada, vários jovens ainda optam pela carreira. Por quê?**

**Rodolfo Ferreira** - São muitas as razões. Uma delas está na crise da sociedade capitalista. Os altos índices de desemprego acabam levando as pessoas a optarem por atividades que ofereçam maiores chances de inserção no mercado de trabalho. O magistério acaba se tornando muito atraente. Para se ter uma idéia, o país precisa hoje de cerca de 800 mil professores somente para atender a exigência constitucional de universalização do Ensino Fundamental. A remuneração, na maioria dos casos, é baixa, mas comparada à de diversas outras atividades no mercado não pode ser desprezada. Há uma outra possibilidade, confirmada em pesquisa recente, que é a de considerar que a chave para o entendimento dessa questão pode estar no imaginário social. Mesmo enfrentando severas críticas, sobretudo do movimento político da categoria, há entre os candidatos a futuros professores, muitas pessoas acreditando que possuem uma *vocação* para o magistério. E, ao que tudo indica, essa crença, esse mito, pode ajudar a entender a escolha pelo magistério e, também, a compreender a razão da permanência daqueles que nesses últimos anos não desistiram da profissão.

**Podemos afirmar, então, que muitas pessoas acabam optando pelo magistério por vocação e que isto faz parte do imaginário social?**

**Rodolfo Ferreira** - É verdade. Nesses últimos anos, preocupados, entre outras coisas, com a crítica à sociedade capitalista, acabamos perdendo de vista que o imaginário que as sociedades e as pessoas instituem na vida social é muito importante para a compreensão de como nós construímos as nossas identidades. Deixamos de perceber que a idéia de vocação, entendida como uma crença, como um sentido que se dá à própria vida, como um mito, não pode, de uma hora para outra, ser banida da nossa reflexão e, mais do que isso, do imaginário das pessoas. Ninguém arranca assim, da vida das pessoas, do meio social, uma crença tão difundida, um mito tão antigo. E com os professores isto não podia ser diferente. Eu mesmo, de uma forma quase preconceituosa, passei algum tempo rejeitando qualquer possibilidade de recolocar a questão da vocação no centro da reflexão que faço sobre o trabalho docente no Brasil, por considerá-la alienação, ingenuidade do professor. Felizmente, acabei percebendo que insistir nessa direção significava me distanciar da possibilidade de compreender as questões que me interessavam por um motivo muito simples: pensando assim dificilmente me aproximaria do ser humano como um todo, do professor como ele é, em todas as suas dimensões e complexidade e, portanto, com todas as suas contradições.

“ Os altos índices de desemprego acabam levando as pessoas a optarem por atividades que ofereçam maiores chances de inserção no mercado de trabalho. O magistério acaba se tornando muito atraente. Para se ter uma idéia, o país precisa hoje de cerca de 800 mil professores somente para atender a exigência constitucional de universalização do Ensino Fundamental. ”

**Que relação você faz entre vocação e exercício do magistério e em que ela pode contribuir para a reflexão em torno do papel do professor nas sociedades contemporâneas?**

**Rodolfo Ferreira** - Existe um número bastante expressivo de candidatos ao magistério, e de atuais professores, que se movimentam a partir da crença em uma vocação. O estudo que acabo de terminar mostra que, entre aqueles que escolhem o magistério e aqueles que mesmo diante das maiores dificuldades decidem permanecer em atividade, encontramos os mais variados tipos de pessoas e motivações, mas encontramos também aqueles que fazem a sua opção a partir de valores que pouco têm a ver, por exemplo, com os valores do *mercado*, das sociedades capitalistas. Essas pessoas, que se apresentam como vocacionadas, quase sempre, fazem suas escolhas declarando um profundo

amor, uma forte paixão pelo magistério e aí o resultado é, quase sempre, uma prática pedagógica pautada por valores como os de solidariedade, companheirismo, amizade e respeito pelo próximo. E, ao que tudo indica, essa é uma das características fundamentais que as tornam capazes de enfrentar o desprestígio, a desvalorização social e mesmo a baixa remuneração. Elas não se vêem fazendo outra coisa e procuram não se movimentar baseadas apenas nos valores da sociedade de mercado. Alimentam sonhos, partilham desejos, fazem seus planos tendo como seu centro o exercício do magistério. Daí a importância de tratarmos dessa relação entre vocação e magistério sem preconceitos. O professor que se diz vocacionado não é, necessariamente, mais ou menos ingênuo, despolitizado ou alienado do que aquele que acredita em outro mito, por exemplo, o mito do profissionalismo.

“Para ser um bom professor é preciso gostar do que faz. E quem faz com amor, com paixão, não descuida da competência necessária, que se manifesta no domínio de tudo daquilo que nos é exigido para estar em sala de aula todos os dias, tampouco precisar abrir mão dos seus sentimentos, das suas crenças, dos seus desejos e dos seus sonhos.”

**Acreditar que a profissionalização do magistério resolveria todos os problemas da categoria não seria também mistificar a idéia de profissão?**

**Rodolfo Ferreira** - Como se sabe, a concepção de profissão é naturalmente excludente e se organiza a partir de valores que, em última instância, podem alimentar a disputa indiscriminada, às vezes antiética, por exemplo, por espaço no mercado de trabalho. Essa possibilidade de disputa, essa possibilidade de competição indiscriminada, contraria a expectativa que a sociedade e a maior parte dos docentes possuem sobre aquilo que seria o papel de um bom professor, de um professor comprometido com a formação de uma sociedade mais livre, mais democrática e, sobretudo, mais feliz.

**Qual o perfil do profissional que ingressa hoje na carreira de magistério?**

**Rodolfo Ferreira** - Há um pouco de tudo. Há os que se dizem vocacionados, mas há também aquelas pessoas que, na falta de outra opção, decidiram ingressar no curso de formação de professores, muitas vezes por considerá-lo um curso *mais fácil*. Há muitos jovens que chegam sem saber por que estão ali. Existem também pessoas mais velhas que por motivos outros não puderam fazer o magistério e que ainda querem realizar o sonho de ser professor. Há, ainda, nesse universo, quem, mesmo não desejando ser professor, considere a carreira atraente. Tem gente que chega procurando um *bico* e até gente que, desempregada, aposta tudo na possibilidade de conseguir um emprego público depois de se tornar professor. Portanto, não sei se é possível falar de um perfil apenas. Talvez fosse mais apropriado nos referirmos a perfis, no plural.

**No livro *Entre o sagrado e o profano*, publicado em 1998, você mostra que o professor contribuiu para a desvalorização da profissão. Como?**

**Rodolfo Ferreira** - Logo que o livro foi publicado, esse assunto gerou muita polêmica. Agora, quando ele já está na quarta edição, parece que essa questão foi mais bem compreendida, sobretudo pelos nossos representantes da categoria. Não se trata de dizer que o professor foi o responsável. Trata-se de dizer que ele participou desse processo, contribuindo para que a desvalorização se desse do modo como se deu. Quando digo que o próprio professor colaborou, e ainda colabora, para a instituição de uma imagem negativa da sua própria atividade, costumo relembrar algumas das estratégias que a categoria utilizou para tentar fazer valer as suas reivindicações. Que outra categoria profissional do país, com o *status* e o prestígio do magistério, foi para o centro das cidades com panelas amassadas e vazias nas mãos e entoando palavras de ordem que insistiam em anunciar a sua própria pobreza enquanto categoria? Que outra categoria fez questão de colocar no pára-brisa do carro plástico com os dizeres: “Hei de vencer, mesmo sendo professor”? E o que dizer

do texto, de um dos sindicatos da categoria, publicado no Dia dos Professores no ano de 1991, que dizia que era necessário criar uma carreira bem remunerada para que o magistério “voltasse a atrair pessoas bem-dotadas intelectualmente”? Não se trata aqui de defender que se esconda a verdade sobre a situação que muitos docentes ainda enfrentam em salas de aula por esse Brasil afora, mas de se perguntar o que fez esta categoria escolher uma estratégia tão diferente das de outras para fazer suas reivindicações?

**Nesses quatro anos, houve alguma mudança neste quadro?**

**Rodolfo Ferreira** - Existem alguns indícios de que alguma coisa pode estar mudando nesse contexto. A mídia, os jornais, a televisão, as rádios, deixaram de só fazer referência à pobreza do professor. Ainda falam dela e nós gostaríamos de deixar muito claro que não vemos qualquer problema nisso, muito pelo contrário, é preciso denunciar a situação extremamente adversa com que grande parte dos brasileiros, e aí não só o professor, está sendo obrigada a conviver. Mas o positivo é que agora já se fala também que, como em qualquer outra categoria, no magistério pode se encontrar profissionais muito bem remunerados e muito felizes com o que fazem. Recentemente entrevistei professores que mesmo reivindicando a melhoria geral das condições do exercício do magistério no país, não admitia ser tratado como “digno de pena”, como alguns dos nossos professores se permitem. Enfim, achamos que ainda é cedo para afirmar uma mudança, mas talvez não seja demais dizer que a situação já não é a mesma que encontramos há quatro anos ou mais.

**Qual seria o perfil daquele que você consideraria um bom professor?**

**Rodolfo Ferreira** - Um *professor por inteiro* e não o de um *professor partido*, cindido em dois, que ora é vocacionado e por isso exerce o magistério com amor, com paixão e não exige nada em troca por isso. Ora é profissional e, como tal, é um professor que só busca a recompensa e o reconhecimento material por aquilo que faz. O “professor por inteiro” a que nos referimos é profissional e pode ser, ao mesmo tempo, vocacionado, sobretudo se essa vocação se traduzir como amor pelo outro e pelo seu trabalho. Pois para ser um bom professor é preciso gostar do que faz. E quem faz com amor, com paixão, não descuida da competência necessária, que se manifesta no domínio de tudo daquilo que nos é exigido para estar em sala de aula todos os dias, tampouco precisar abrir mão dos seus sentimentos, das suas crenças, dos seus desejos e dos seus sonhos.

“O professor que se diz vocacionado não é, necessariamente, mais ou menos ingênuo, despolitizado ou alienado do que aquele que acredita em outro mito, por exemplo, o mito do profissionalismo.”



# Meu professor inesquecível

“Não esqueço do professor de Língua Portuguesa, Alcir de Melo Pimenta, do Colégio Cesário de Mello, em Campo Grande (RJ). Tive aulas com ele no antigo ginásio. Ele trazia o dia-a-dia dos estudantes para a sala de aula, o que nos envolvia bastante. Ao mesmo tempo, o professor era muito prolixo ao falar, usava expressões rebuscadas da Língua Portuguesa. Lembro que ele compareceu a todas as festas de 15 anos das meninas da escola. Foi, inclusive, à minha. Por sorte e para alegria de todos, não fez nenhum discurso. Estou sempre em contato com ele. É um grande amigo.”

**Rojane Calife Jubran Dib**

Subsecretária de Educação da PCRJ



“Tive vários professores inesquecíveis, mas não esqueço do professor Roberto, do 3º ano do Colégio Universitário da PUC-Rio. Era professor de História e suas aulas me encantavam. Ele contava as histórias da História com tamanha satisfação e entusiasmo que parecia que estávamos diante dos fatos. Por causa dele, tirei nota 10 durante todo o ano.”

**Kátia Chalita**

Apresentadora do programa Rio, a Cidade! da MULTIRIO



“Que saudades que tenho da professora Vera Lúcia que dava aulas de piano na minha casa. Tinha oito anos. Era uma pessoa muito jovem, carinhosa, paciente e atenciosa. Foram aproximadamente três anos de aulas. Foi ela quem despertou o meu interesse pela música, que carrego até hoje. Morava em Curitiba. As aulas foram interrompidas quando eu tinha 11 anos, pois meu pai, sendo militar, foi transferido para outro Estado e o piano não fez parte da bagagem. Soube que ela casou e que vive, hoje, em Foz de Iguaçu.”

**Licurgo Aspínola**

Artista e apresentador do programa Nós da Escola da MULTIRIO



“O professor Luís Freire foi inesquecível. Lecionava Matemática na escola normal onde estudava. Era também engenheiro e professor de Física da Escola de Engenharia da Universidade de Pernambuco. Ele me deu uma outra visão da Matemática, me fez enxergar uma nova forma de ver o mundo por meio dos números. Colocava poesia na Matemática. Nunca vou esquecer dele. Com certeza, ele influenciou na minha escolha profissional.”

**Maria Laura Leite Lopes**

Professora emérita de Matemática, da UFRJ



“Célia Taketa é a minha professora inesquecível. Fui sua aluna na 3ª e 4ª séries, lá no interior do Pará. Assim como eu, ela também era nissei. Isso nos aproximou bastante. Célia me ensinou a desenhar e a trabalhar com *origami* - hoje meu grande *hobby*. Segui a carreira do magistério por causa da dona Célia.”

**Isabel Nobuko**

Professora da Rede Municipal de Ensino do Rio



“Não esqueço da professora Zuleide, da Escola Municipal Oswaldo Cruz. Ela é inesquecível. Foi a minha primeira professora. Ensinou a ver as coisas mais importantes da vida. Adorava suas aulas. Ia alegre para a escola, que representava tudo para mim. Outra que também me recordo chamava-se Sueli, professora de Ciências, da Escola Municipal General Osório. Lembro que na noite anterior do meu primeiro dia de aula, vesti o uniforme três vezes. Ficava superansioso. A escola é essencial na vida das pessoas.”

**Robson Caetano**

Atleta

“Quando me lembro da professora Cássia fico com saudades do tempo da escola. Era uma professora diferente que ensinava brincando. Baixinha, ela não alcançava todo o quadro negro. Para escrever, tinha que subir em uma cadeira. Eram divertidíssimas suas aulas. Ela era professora e, ao mesmo tempo, criança e amiga dos alunos. Aprendi muito com ela. De vez em quando ainda encontro com ela pela cidade e mato as saudades.”

**Cristiane Rodrigues Castro**

Professora da Rede Municipal de Ensino do Rio



# Pensar globalmente, agir localmente

Foi realizada em agosto e setembro passados a *Joanesburgo 2002*, conferência mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento humano. O encontro reuniu mais de cem chefes de Estado de países ricos e pobres, além de 60 mil pessoas, em Joanesburgo, na África do Sul. Foram discutidas questões relativas à biodiversidade, à pesca, ao combate à miséria, à energia, às mudanças climáticas e à água potável. Conhecida também pelo nome de *Rio+10*, por ter sido realizada dez anos depois do encontro *ECO-92*, a reunião mundial teve o objetivo de traçar diretrizes para os países direcionarem o crescimento econômico sem degradar o meio ambiente, evitando os efeitos do uso predatório dos recursos naturais.

Com esta meta louvável, na verdade, poucos avanços foram alcançados. Ana Batista, secretária executiva do Fórum 21 da Cidade do Rio de Janeiro participou da cúpula e constatou que os povos precisam recuperar a capacidade de viver em uma sociedade global: "A conferência deixou claro que vivemos em um estágio insustentável de uma sociedade capitalista e individualista. Precisamos recompor o social, o espaço público."

Exatamente o que não foi feito pelos principais chefes de Estado. Os países ricos não se comprometeram em bancar projetos de proteção ambiental. Por sua vez, os países pobres avisaram que sem ajuda financeira não têm como preservar as suas reservas naturais.

A criação, por exemplo, de um fundo para cuidar da biodiversidade das áreas tropicais, proposta apresentada pelos representantes brasileiros, foi derrubada. O uso de fontes de energias renova-

das foi deixado de lado e a implantação de programas concretos para a diminuição do efeito estufa, para o combate à miséria e para o melhor acesso de algumas regiões à água potável ficou apenas no discurso.

Entre os poucos progressos, os participantes concordaram em cortar pela metade, até 2015, o número atual de pessoas sem acesso ao saneamento básico - o equivalente a 40% da população mundial. Também houve acordo para conservar e restaurar os estoques pesqueiros em níveis sustentáveis até 2015.

A cúpula mostrou que são as ações locais e a chamada responsabilidade social de empresas e governos que estão, de fato, contribuindo para a melhoria da biodiversidade, como avisa Ana Batista: "O agravamento da situação do meio ambiente está fazendo com que a sociedade civil desenvolva ações concretas, o que é muito importante. Só assim conseguiremos bons resultados. E isso tudo começa na educação, na educação ambiental, que já faz parte do cotidiano das escolas da Rede Municipal de Ensino do Rio. O processo de transformação é lento. Por isso, o trabalho deve ser contínuo."

Desde 1996, as escolas da Rede Municipal de Ensino do Rio, por meio do Projeto de Educação Ambiental e Saúde, vêm desenvolvendo ações práticas de educação ambiental, que receberam o nome de *Agenda 21 Local*. Mais de 600 escolas já participam do projeto. Uma parceria, segundo Ana Batista, mais do que necessária: "A es-

cola tem um papel decisivo, pois está mais próxima da comunidade e de seu entorno, o que facilita a mobilização comunitária, além de construir uma consciência ecológica entre os alunos e criar um sentimento de responsabilidade social, que já é colocada em prática por muitas empresas."



## Saiba mais

### ECO-92

Com o nome oficial de II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano, o evento, realizado no Rio de Janeiro, em 1992, foi a maior reunião de chefes de Estado da história da humanidade. Cerca de 117 governantes de países estiveram presentes tentando buscar soluções para o desenvolvimento sustentável das populações mais pobres do planeta.  
<http://www.mre.gov.br>

### Agenda 21

Durante a ECO-92, uma série de convenções, acordos e protocolos foi firmada durante a conferência. O documento mais importante chamou-se Agenda 21 - plano de ação de longo prazo previsto para uma cidade ou município, elaborado em parceria com governos locais, cidadãos e grupos de interesse.  
<http://www.rio.rj.gov.br/smac>  
<http://www.mma.gov.br/>

### Fórum 21 da Cidade do Rio de Janeiro

Fórum que reúne representantes da sociedade civil, ONGs e entidades públicas do município do Rio de Janeiro. O trabalho é realizado em conjunto com as secretarias municipais da Prefeitura do Rio. O objetivo é encontrar soluções para o desenvolvimento sustentável e qualidade de vida. O Fórum 21 está ligado à Secretaria Municipal de Meio Ambiente.  
<http://www.rio.rj.gov.br/smac>

### Joanesburgo 2002

Conferência mundial realizada no período de 26 de agosto a 4 de setembro deste ano. O evento também ficou conhecido como *Rio+10*, porque aconteceu uma década depois da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92).  
<http://www.riomaisdez.org.br>  
<http://www.riomaisdez.gov.br>

### Desenvolvimento Sustentável

É aquele que harmoniza o crescimento econômico com a promoção da equidade social e a preservação do patrimônio natural, garantindo, assim, que as necessidades das atuais gerações sejam atendidas sem comprometer o atendimento das necessidades das gerações futuras.  
[http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m\\_a\\_txt2.html](http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt2.html)  
<http://www.mma.gov.br/port/redesert/desus.html>

### Responsabilidade Social

É a forma de conduzir empresas, instituições ou governos, tornando-os parceiros e co-responsáveis pelo desenvolvimento social de todos os envolvidos, com o objetivo de atender a todos e promover melhoria na qualidade de vida.



# O jovem abrindo o verbo

Uma câmara na mão e as idéias por conta dos adolescentes. Esta é a proposta do programa **Abrindo o Verbo**, que estreou no mês passado na MULTIRIO. Reunindo semanalmente alunos da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, o programa aborda o cotidiano da juventude a partir do olhar dos próprios jovens, sem os estereótipos e clichês com que a mídia costuma tratá-los.

Protagonistas centrais, os alunos do município são os responsáveis pela escolha dos temas e pelo encaminhamento do debate, como explica o diretor do programa, João Alegria: “Queremos mostrar o que os jovens estão pensando, no que eles acreditam, o que querem e como entendem as coisas que acontecem com eles. E mais: os estudantes também avaliam como a mídia trata aquele mesmo assunto que eles estão abordando.”

O programa começou a ser feito em maio, com reuniões semanais entre os estudantes e parte da equipe - os chamados grupos focais. Para a psicóloga, pesquisadora e assessora da MULTIRIO Solange Jobim, que participa dos encontros, este é o diferencial: “Nosso objetivo é colocar os meios de comunicação em debate, enfocando os temas de interesse do público jovem e o modo como são veiculados pela mídia. É um espaço do jovem, onde ele precisa apenas ser ele próprio.”

**Realidade** - Na opinião dos adolescentes, os atuais programas de TV que abordam o dia-a-dia da juventude não retra-

tam fielmente a realidade. Os programas, muitas vezes, passam uma imagem estereotipada da adolescência, recheada de clichês.

A maior preocupação da equipe, portanto, é estabelecer um ambiente onde os adolescentes estejam à vontade para dizer o que desejam. Para mediar o bate-papo em cada gravação foi convidado o ator e professor Cláudio Garcia, da Escola Municipal Narcisa Amália, na Ilha de Guaratiba, Zona Oeste do Rio. Ele faz apenas a chamada *costura* do programa - voltado o tempo todo para as reflexões e os diálogos entre os jovens: “O Abrindo o Verbo destaca as idéias, os pontos de vista, as opiniões, as divergências, insatisfações, reivindicações e atitudes dos alunos. A cada semana, exibimos também uma reportagem produzida pelos próprios estudantes.”

**Reflexão** - Por conta disso, a edição do programa recebe tratamento especial, que realça as dúvidas, as afirmações, as indagações e as avaliações dos adolescentes, sempre buscando mostrar exatamente como eles pensam.

Ao final do programa, a psicanalista Inês Ribeiro, consultora da MULTIRIO, comenta o tema do ponto de vista da psicanálise: “Esse é o objetivo principal do programa e, com certeza, quem assistir se surpreenderá com as colocações dos jovens. O Abrindo o Verbo desmistifica a imagem de jovens imaturos e bobos que tanto a mídia veicula.” A idéia não é dar uma conclusão final sobre o assunto abordado, mas propor que as discussões levantadas pelos adolescentes tenham continuidade em casa, na escola, na sociedade. ■

## Quem é quem na equipe

**Carlos de Souza** - Assistente de direção. Tem 15 anos de experiência em rádio e TV. Dirigiu e produziu vários comerciais.

**Cláudio Garcia** - Apresentador do programa. Ator e professor.

**Eloísa Ramos Ferreira** - Assessora pedagógica da Diretoria de Mídia em Educação da MULTIRIO. Pedagoga e professora de Educação Física da Rede Municipal de Ensino do Rio.

**Fernanda Hamann** - Estagiária. Estudante da Faculdade de Psicologia da PUC-Rio.

**Francisco Valle** - Assistente de produção. Trabalhou como diretor de produção de dois curtas, um deles - *O Detector de Verdade* - premiado em festivais internacionais.

**Gilberto Loureiro** - Roteirista do programa. Cineasta e dramaturgo.

**Inês Ribeiro** - Consultora do programa. Participa dos grupos focais e fecha os programas com a análise do que foi debatido. Psicanalista.

**João Alegria** - Diretor do programa. Autor e diretor de TV. Dirigiu documentários e programas educativos, como *o Brasil Legal* (TV Globo) e *Teca na TV* (Canal Futura).

**Leandro Egrejas** - Editor de vídeo. Tem 13 anos de experiência. Seu último trabalho foi no programa *Por trás da Fama*, do Canal Multishow.

**Lúcia Soucasaux** - Assistente de Produção. Publicitária.

**Maria Teresa Lacerda Menezes Coelho** - Assessora pedagógica da Diretoria de Mídia Educação da MULTIRIO. Educadora.

**Roberto Brandão** - Produtor executivo. Trabalhou na TV Globo, SBT e TVE.

**Solange Jobim** - Assessora da presidência da MULTIRIO. Psicóloga, doutora em Educação. Docente do Departamento de Psicologia da PUC-Rio e da Faculdade de Educação da Uerj.





# O professor pelos alunos!

O magistério exige do profissional do século XXI atributos que nem passavam pela cabeça dos mestres do início do século passado. Mais que a competência no ensinar, cobra-se que ele seja carinhoso, justo, atencioso, solidário, cooperativo, amigo, ético... quase um super-herói.

A ampliação do papel do professor, com certeza, está diretamente ligada à realidade social da família e da escola. Tanto uma quanto a outra mudaram ao longo dos séculos e exigem, hoje, do educador de sala de aula novos compromissos, atitudes e posturas.

Teóricos da educação afirmam que é da competência do professor realizar a ponte entre o conhecimento do aluno e o conhecimento sistematizado e organizado pela sociedade. Caberia ao educador ser o que chamam de mediador, facilitador do aprendizado, preparando o estudante para enfrentar não mais o futuro mas, sim, o presente, desenvolvendo projetos a partir de suas experiências acumuladas. Além dos conteúdos disciplinares, há ainda que trabalhar com temas trazidos pelas crianças e pelos adolescentes, como sexo, drogas e gravidez precoce. E fazer isto tudo com naturalidade, conhecimento e, principalmente, persuasão.

A lista não pára por aí. Ele ainda tem que dar conta de velhas e importantes tarefas: planejamento das aulas, correção dos trabalhos e provas, anotações e registros nos diários de classe e participação de reuniões com pais e diretores.

Uma carga e tanto para uma carreira que até bem pouco tempo não exigia o nível superior para as séries iniciais da Educação Básica. Nunca se falou tanto na importância da profissão. Nunca se apostou tanto nas escolas. Nunca se investiu tanto na formação dos educadores. No Brasil e no mundo, cresce a certeza de que a Educação não é, de fato, capaz de solucionar sozinho todos os problemas. Mas, ao mesmo tempo, percebe-se que a Educação é um requisito indispensável para mudanças estruturais das sociedades, em todos os aspectos. Coincidência ou não, nunca os cursos de Pedagogia do país foram tão procurados. E nunca também foram tão criticados.

**Mais formação** - Nos últimos sete anos, a Universidade Federal Fluminense (UFF) registrou aumento de 67,5% no número de candidatos inscritos ao curso de Pedagogia. Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), houve, no mesmo período, acréscimo de 85%. ▶

“ Ser um bom professor é comunicar-se bem com os alunos. Brincar com a turma e dar uma segunda chance para os estudantes. ”



Felipe Cerqueira, 14 anos, 8ª série. Escola Municipal Marc Ferrez, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ).

E a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) contabilizou procura maior ainda: a taxa cresceu 91%. No Exame Nacional de Cursos, o Provão, aplicado anualmente pelo Ministério da Educação (MEC), o curso de Pedagogia é o que tem o maior número de participantes.

Surpresa para muitos. Como José Saramago, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura, de 1998, recentemente homenageado no VII Encontro de Professores de Português, em Lisboa, que perguntou-se como ainda é possível algumas pessoas investirem na carreira do magistério, face às exigências impostas pela sociedade.

Marlene Carvalho, professora do Departamento de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tenta explicar: “Esta corrida acontece, pelo menos aqui no Brasil, porque o mercado de trabalho está em alta e há uma procura pela qualificação profissional. Hoje, existem aproximadamente dois milhões de profissionais. De acordo com dados oficiais, precisa-se, somente para o Ensino Médio, de cerca de 5 milhões de profissionais. Além disso, o Ministério da Educação exige mais qualificação do professorado. Trata-se enfim de uma profissão digna como outra qualquer, milenar e, principalmente, envolvente. Cheia de problemas, sim, mas que cria raízes, laços de amizade e de solidariedade”. Relações emocionais que, atualmente, fazem do mestre do Século XXI um ser mais do que especial para a escola, para a família e para os alunos:

*“Todas as pessoas querem ser felizes e para isso, além de construírem uma família, precisam ter um emprego que gostem. O que não está acontecendo atualmente. O professor, para ser ótimo, precisa se enturmar e ter um relacionamento bom com a sua turma. Se não houver isso, fica um clima chato na sala de aula e não se produz. Ele também tem que respeitar a turma para ser respeitado.”* Caio Cordeiro Villa da Silva, 14 anos, 8ª série, Escola Municipal Minas Gerais.

**Formação melhor** - Ser professor no Século XXI, portanto, é muito mais do que ser um transmissor do conhecimento. Ao superar o antigo conceito de que o professor *tudo sabe* e é o dono dos saberes que faltam aos alunos, a relação entre educadores e estudantes passa a ser, mais do que nunca, preponderante na constituição dos conhecimentos, conceitos e valores. É nesta relação que, de fato, o conhecimento, a linguagem e suas diferentes formas de expressão sustentam o diálogo necessário para esta interação.

Afinal, o educador sabe e constata em sua prática que ele divide, diariamente com a mídia e outros interlocutores, a constituição destes mesmos conhecimentos, conceitos e valores. Que a escola, por conta disso, já não é mais o único espaço de formação e informação. E que, por isto, muito mais do que conteúdos, os alunos devem aprender com os professores a buscar, selecionar, analisar e compreender as informações para a constituição de novos conhecimentos:

*“É certo que o jovem é influenciado por uma série de meios de socialização diferente da escola. Contudo, a escola tem um papel extremamente importante na formação do jovem, sendo um veículo de integração social, experimentando uma função privilegiada pela sua atuação constante e obrigatória.”* Rodrigo Carvalho de Sousa, 14 anos, 8ª série, Escola Municipal Minas Gerais.

A Declaração Mundial de Educação para Todos, acordo firmado, em 1990, por 150 países do mundo, afirma, em seu artigo 2º, que a educação deve ser entendida como processo que se dá ao longo de toda a vida, dentro e fora da escola, nas relações entre as pessoas, em uma troca constante de idéias e experiências.

O documento destaca ainda que a “educação (na figura do professor) deve utilizar as novas formas de comunicação como recursos para obter e difundir informações. A TV, o vídeo, o computador, a internet, o correio eletrônico podem ser aliados importantes na ampliação dos horizontes do ensino. Reafirmando o papel do professor como o guia desta caminhada, insubstituível por qualquer que seja o tipo de tecnologia que venha a dividir com ele o espaço da sala de aula”.

Os jovens concordam: *“Sabe-se que os professores sempre tiveram e sempre terão um papel fantástico e muito importante na vida do ser humano. Eles simplesmente abrem portas e caminhos decisivos na vida das pessoas. Obviamente, um é diferente do outro e, é claro, cada um possui um modo de ensinar. Esperamos que os professores olhem para si e reconheçam quais os elementos que eles não costumam apresentar em sala de aula.”* Bianca Guimarães Moreira, 14 anos, 8ª série, Escola Municipal Minas Gerais.

**Novos Papéis** - Na teoria, a ênfase nestas novas atribuições dos professores vem sendo debatida e defendida já há algumas décadas. Teóricos como Célestin Freinet e Lev Vygotsky já deram, inclusive, algumas pistas de como trabalhar neste novo cenário. As aulas-passeio, o livro da vida e a teoria da zona de desenvolvimento podem ser entendidas como algumas delas.

O desafio não é, no entanto, conhecer, identificar ou memorizar os novos papéis, mas sim vivenciá-los na prática. O que para Celso Vasconcelos, autor do livro *Para onde vai o professor?* (Editora Libertad), passa pela mudança da postura do professor: “Diferentemente de outros campos de atuação profissional, especialmente de natureza técnica, nenhuma transformação substantiva em educação prescinde do envolvimento pessoal dos educadores. E como os instrumentos ▶



Alessandra Duncan Hesketh,  
14 anos, 8ª série. Escola  
Municipal Minas  
Gerais, Zona Sul,  
Rio de Janeiro (RJ).

**“ O bom professor é aquele que respeita os alunos dentro e fora da sala de aula. É aquele que sabe brincar na hora certa e que não faz do trabalho uma brincadeira. ”**



Michel de Castro Souza,  
16 anos, 8ª série. Escola  
Municipal Fernando de Azevedo,  
Zona Oeste, Rio de Janeiro (RJ).

**“ O professor tem que amar a profissão, saber exercê-la. Dedicar-se, tratar bem o aluno, explicar bem a matéria, fazer aulas originais, descontraídas e saber dar broncas nas horas certas. ”**



Marcelo Oliveira Silva,  
14 anos, 8ª série. Escola  
Municipal Minas Gerais,  
Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ).

“Um bom professor é aquele que consegue explicar a matéria com o entendimento de todos. É aquele que consegue a atenção da turma com um modo interessante de dar aula. É preciso que ele também não seja sério demais, pois os alunos ficarão com receio de tirar dúvidas ou de pedir explicações.”

fundamentais de que dispõem para educar são a si próprios, toda mudança, neste terreno, significa, a princípio, mudança de atitude.”

E os alunos alertam: “*Ser um bom professor é se aprimorar cada vez mais no que faz para ser admirado por seus alunos e recompensado financeiramente para que possa viver com dignidade e honra na sociedade em que vive.*” Alessandra Duncan Hesketh, 14 anos, 8ª série, Escola Municipal Minas Gerais.

Mudar de atitude não acontece da noite para o dia. O professor, como qualquer outro ser humano, é resistente às mudanças, ao novo, ao desconhecido. Estabelecer um diálogo franco e aberto com os alunos, admitir falhas e reconhecer e vibrar com a vitória dos seus estudantes, talvez, para alguns professores, ainda sejam atitudes que diminuam o seu poder e o seu prestígio frente a uma turma de adolescentes.

A construção do novo olhar pressupõe a redefinição de valores. Ser professor no Século XXI é estabelecer um elo de amizade e de confiança com os estudantes e consigo próprio. O aluno tem que ver no professor aquele profissional que o apóia e o incentiva a ser o melhor. A professora Marlene Carvalho vai além: “O professor tem que acreditar na capacidade de os estudantes crescerem e aprenderem.”

Os jovens fazem coro: “*Ser um bom professor é ensinar a quem quiser aprender, sem preconceito ou discriminação. É ensinar não só a Matemática, o Português e a História. É ensinar a lição mais importante que existe: a vida.*” Jessica Castro, 14 anos, 8ª série, Escola Municipal Minas Gerais.

**Autoconfiança** - O filósofo Pierre Lévy, professor do Departamento de Hipermídia da Universidade de Paris, chama de arquiteto cognitivo ou engenheiro do conhecimento o professor, que deve ser o profissional responsável por traçar e sugerir caminhos na constituição do saber dos estudantes.

Para que isto ocorra, o educador Hubert Hannoun, autor do livro *Educação: Certezas e Apostas* (Editora Unesp), destaca que o professor deve ter, antes de tudo, domínio de informações e de metodologias para desenvolver uma educação de qualidade. Deve estar informado e saber usufruir do mundo contemporâneo para trabalhar com seus alunos - indivíduos de credos, etnias e classes sociais diferentes, mas que devem estar em pé de igualdade na avaliação dos seus professores:

“*Um bom professor é aquele que nos ajuda a crescer a cada dia, nos dando a oportunidade de melhorar, tanto na educação quanto no meio social.*” Aline Oliveira Xavier, 14 anos, 8ª série, Escola Municipal Fernando de Azevedo.

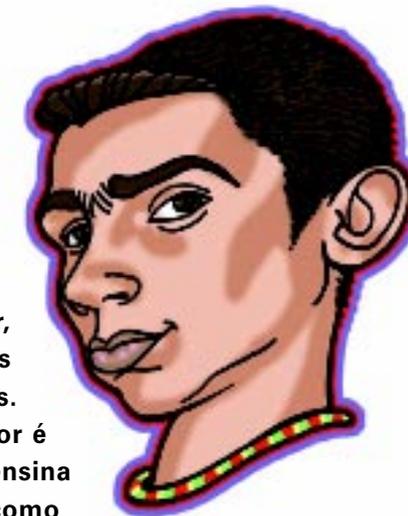
Mais do que bem informado e formado, mais do que estabelecer um diálogo entre a turma, o educador deve escutar seus alunos, ouvir suas angústias, dúvidas, reivindicações, problemas e sonhos. Mas muitos alunos ainda se queixam da falta de espaço para opinar, discordar e trocar informações.

Maria Thereza Oliva Marcílio de Souza, no artigo *Repensando a escola a partir do olhar do adolescente*, publicado na *Revista Pátio*, destaca que são exatamente os alunos com dificuldades de participar das atividades de ensino que têm mais possibilidade de apontar quais aspectos do sistema escolar dificultam ou impedem o compromisso e o progresso deles e dos professores: “É quase certo que estas vozes, as mais importantes a serem ouvidas, são as que menos recebem atenção. Escutá-las pode fazer uma diferença nas propostas e nos resultados de mudanças e reformas na educação.”

Que o digam os alunos: “*Eu acho que um professor para ser bom, primeiramente, tem que ouvir o aluno e saber se fazer ouvir por ele.*” Juliana Antunes Vieira, 15 anos, 8ª série, Escola Municipal Minas Gerais.

Mais importante e primordial é que os professores acreditem em si próprios. Todo educador pode ser um bom mestre - um profissional que respeite os alunos, que propicie o diálogo, que favoreça o debate, que não utilize a sua posição para impor castigos e fazer ameaças, que não faça uso da avaliação para excluir. ■

“Um bom professor é aquele que faz da vida uma história e não esconde dos alunos a realidade. Um bom professor é aquele que sabe dizer não nas horas certas e sabe responder, com educação, as nossas perguntas. Um bom professor é aquele que nos ensina a aceitar a vida como ela é e, não, como nós queríamos que ela fosse.”



Joseph Bispo dos Santos,  
16 anos, 8ª série. Escola  
Municipal Fernando de Azevedo,  
Zona Oeste, Rio de Janeiro (RJ).

A Revista **Nós da Escola** ouviu 112 opiniões de alunos da 8ª série de três escolas da Rede Municipal de Ensino do Rio sobre o que é ser um bom professor. Com base nos depoimentos, elaboramos o **Decálogo do Bom Professor**.

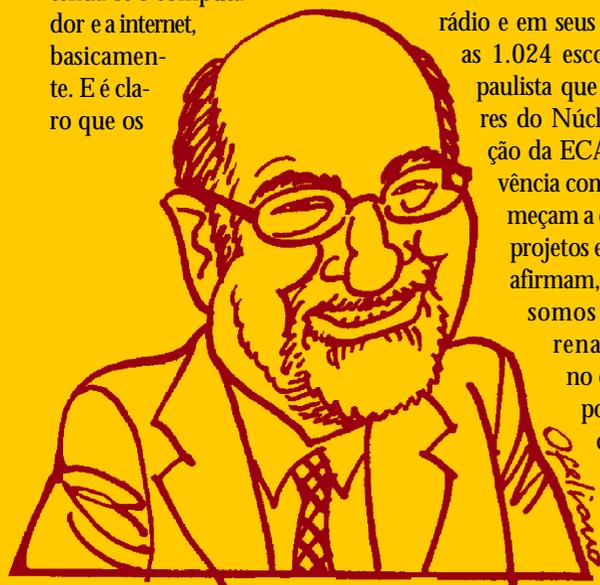
- 1 - **Saber dialogar** (promovendo a troca e o respeito)
- 2 - **Ter senso de Justiça** (escutar, ponderar, criticar)
- 3 - **Saber aceitar** (ter paciência, compreensão, tolerância, serenidade)
- 4 - **Ser amigo** (dedicar-se, preparar para a vida)
- 5 - **Respeitar** (dar limites, saber dizer sim e não)
- 6 - **Saber ensinar** (estar seguro, preparar as aulas, tirar dúvidas)
- 7 - **Manter-se atualizado**
- 8 - **Ter bom humor** (estabelecendo amizade e confiança)
- 9 - **Ser uma referência** (assiduidade, pontualidade, boa formação, boa educação)
- 10 - **Ser dinâmico**

Escolas consultadas:  
Escola Municipal Minas Gerais, Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ), Escola Municipal Marc Ferrez, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ) e Escola Municipal Fernando de Azevedo, Zona Oeste, Rio de Janeiro (RJ).

## Venha ser um educador, você também

Um dos temas mais em voga em conversas de consultório de psicólogos e psicanalistas é a questão da identidade: *Quem sou eu, nesse mundo louco, em contínua transformação?*, perguntam-se adolescentes em busca de uma definição de vida, mulheres lutando por um lugar de reconhecimento numa sociedade competitiva, profissionais de meia-idade negando-se a mudar, mais uma vez, em virtude dos avanços tecnológicos que descartam seu saber e sua experiência acumulada, desempregados de todas as classes. Entre os que já fizeram esta pergunta nos últimos dez anos, encontram-se também muitos professores, intrigados com uma dúvida existencial: *Serei, no futuro, substituído pelas novas máquinas de ensinar?*

Por máquinas de ensinar entenda-se o computador e a internet, basicamente. É claro que os



angustiados professores as rejeitam, em princípio. E têm certa razão quando, ao menos no ensino superior, as grandes empresas que hoje regem os negócios da educação no país passaram a relativizar a experiência acadêmica e a avaliar suas possibilidades de lucro sempre maior e mais fácil quando se adota a tecnologia *e-learning*.

Quanto aos ensinos Fundamental e Médio, a pergunta pela identidade tem um caráter mais psicossocial, relacionado especialmente com (des)valorização do professor no imaginário e no comportamento dos alunos. Nota-se um crescente movimento de rejeição dos professores com relação a seus próprios alunos.

Frente a esta crise, verifica-se, hoje, uma explosão de contentamento, traduzida no envolvimento de centenas e milhares de professores, em todo o país, diante da perspectiva de terem descoberto uma nova maneira de restaurar sua própria imagem, sua auto-estima e sua identidade enquanto profissionais e enquanto pessoas. Estou falando dos *educadores*

O cenário pode ser o conjunto das 455 escolas públicas municipais espalhadas pela periferia da cidade de São Paulo, onde professores, alunos e membros da comunidade estão construindo um novo ecossistema comunicativo através da introdução do rádio e em seus espaços educativos, ou, ainda, as 1.024 escolas da rede pública estadual paulista que discutem com os pesquisadores do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP novas formas de convivência com a linguagem audiovisual e começam a desenhar, com seus alunos, seus projetos educacionais. São eles que afirmam, com uma ponta de orgulho: somos protagonistas de um novo renascimento de esperanças, no campo da educação. O cenário pode ser sua escola, leitor carioca, criativo e envolvido num diálogo comunicativo e interativo com seus alunos, usando ou não as novas tecnologias da informação!

Mas afinal, o que é o educador? É um novo profissional, encontrado num projeto de produção e assessoria, como a MULTIRIO, num canal de televisão comercial ou educativo, numa redação de jornal, numa ONG ou num centro de cultura, ou, ainda, numa escola, que se caracteriza por conhecer tanto o mundo da educação, quanto o universo e as linguagens da comunicação e que traduz, em suas ações, o princípio de diálogo anunciado por Paulo Freire, buscando desenvolver sua própria competência comunicativa e a competência de seus alunos, como sugeria outro dos fundadores do campo, o uruguaio Mario Kaplún.

Os educadores existem, são muitos, estão na escola pública e já começam a ser reconhecidos. Se o leitor for à internet e procurar pelo termo (tanto em português, como em inglês - *educational communication* - e em espanhol - *educación comunicativa*), encontrará muito material disponível que fala de uma prática voltada para a chamada "leitura crítica dos meios de comunicação", para o uso das tecnologias no processo de ensino e de aprendizagem, ou mesmo para uma *gestão da comunicação* em espaços educativos. Venha ser um educador, você também. ■

\* Coordenador do NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP



Homenagem da MULTIRIO aos Professores pelo Dia do Mestre - 15 de outubro  
Quer vestir esta camisa? Acesse o site da MULTIRIO: [www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)



Professor Leandro Trindade Pinto e seus alunos. Casa da Criança Vicente de Carvalho, Vila Kosmos, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

A escolha da profissão foi quase por acaso. Em casa, tinha o exemplo do pai e da tia, que haviam seguido o mesmo caminho. Além disso, era a opção que oferecia possibilidade maior de emprego. Ao longo do curso de formação, ele e mais um colega eram os únicos meninos. Nessa época, fazia parte da rotina deles disputar o espaço do banheiro masculino com as meninas da escola, que por serem muitas usavam também o que era destinado aos garotos. Eric Monteiro frequentou o Curso Normal de Ensino Médio no Colégio Estadual Júlia Kubitschek e hoje continua sendo *bendito fruto entre as mulheres*: ele faz parte de um pequeno grupo de homens que leciona no primeiro segmento do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino do Rio.

# Mestres com **M** maiúsculo

Nos tempos da escola, viver rodeado de garotas não era problema: “Elas me paparicavam e consegui arranjar muitas namoradas”, lembra o professor. E continuou não sendo, quando começou a trabalhar em uma atividade que vinha sendo delegada às mulheres. Professor da 4ª série da Escola Municipal Mário de Andrade, Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro (RJ), poucas vezes enfrentou alguma situação mais difícil por ser o único professor homem na escola.

Uma delas aconteceu na Escola Municipal Affonso Penna, Andaraí, Zona Norte do Rio de Janeiro (RJ), quando teve que assumir uma turma de Classe de Alfabetização, em meio a uma discussão sobre que metodologia de alfabetização usar: “Assumi a turma e resolvi deixar de lado a cartilha. Queria alfabetizar as crianças por meio de novas técnicas, respeitando a realidade das crianças e o seu desenvolvimento. Só que, em meados de junho, os alunos ainda não estavam lendo e escrevendo. Os pais e a direção da escola questionaram o fato de eu ser homem e estar lecionando para aquela turma. Expliquei que a razão era a nova metodologia de ensino que eu havia adotado. Após dois meses o processo de alfabetização deslanchou.”

Esse tipo de questionamento, Eric, que já trabalhou em outras escolas públicas e particulares, está longe de enfrentar na Escola Municipal Mário de Andrade. Lá, os pais gostaram de saber que seus filhos teriam um professor homem. Achavam que as aulas seriam mais rigorosas. Uma bobagem, na avaliação de Eric: “Passadas as duas primeiras semanas de aula qualquer barreira entre ele e os alunos é ultrapassada”.

Com os meninos, ele tira muitas dúvidas sobre assuntos ligados ao comportamento da juventude. Com as garotas é um pouco diferente. Tímidas, elas ficam, às vezes, constrangidas de falar com Eric sobre assuntos íntimos, recorrendo às professoras quando querem conversar. ▶



O dia-a-dia dos professores Leandro, Rômulo e Eric

**Carinho** - Timidez é o que não há entre as alunas de Rômulo Olivieri Meier, professor da 1ª série da Escola Municipal Eurico Salles, Engenho da Rainha, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ). As meninas de sua turma não cansam de lhe mandar cartinhas e desenhos, que são carinhosamente guardados por ele: “Com elas, me parece que é uma relação de fascinação diferente dos meninos que têm comigo uma relação de admiração. Sou uma espécie de referência para elas.”

Rômulo adora crianças e é paciente e afetivo quando, por exemplo, alguns dos pequenos estudantes choram ou falam sobre algum problema pessoal, como constata a diretora da escola, Kátia Lopes Antônio: “Ele trata os alunos com respeito, atende a todas as suas necessidades. Desde um curativo até uma conversa com os pais. De vez em quando vejo ele vindo do metrô já conversando com um pai de aluno.”

Dificuldade o professor só encontra mesmo na hora de trabalhar com as crianças atividades artísticas. Nessa hora, na opinião dele, faz falta ser mulher: “Não tenho jeito nenhum para coisas que exijam habilidade manual. É um problema, mas acabo conseguindo.”

**Apelido** - Leandro Trindade Pinto é outro professor da rede que enfrentou o mesmo desafio. Ele desenvolveu a sensibilidade para lidar com os alunos pequenos. Professor da classe de Educação Infantil da Casa da Criança Vicente de Carvalho, Vila Kosmos, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ). Em sua sala, uma caixinha guarda os presentes que as crianças fazem para ele. As crianças são extremamente carinhosas e até já lhe deram um apelido: professor Giraflex, inspirado em um personagem da TV, “A troca é fantástica. Todos os dias eles me fazem lembrar o valor da infância e a importância da família e da escola no desenvolvimento das crianças.”

Rosinele Nogueira Dantas, diretora da escola onde Leandro dá aula, só tem elogios para o professor, que está apenas há um mês na escola. Segundo ela, Leandro é atencioso com os alunos, senta no chão para brincar com eles e é querido até pelas crianças de outras turmas. Sobre a experiência de professores homens trabalharem em turmas de crianças tão pequenas, ela só vê vantagens: “Hoje a configuração da família mudou e contar com um rapaz como professor dessa faixa etária é interessante porque muitas crianças não têm o referencial masculino em casa.”

Eric, Leandro e Rômulo não pensavam em ser professores, mas hoje não abrem mão da atividade. Eric diz com convicção: “O magistério é minha profissão e me orgulho dela”. O fato de serem homens é encarado por todos eles como uma vantagem, atestada, inclusive, por João Carlos dos Santos, ex-professor de turmas de alfabetização e hoje coordenador pedagógico da Escola Municipal Eurico Salles: “Houve um tempo, na época em que eu lecionava, que havia preconceito. Hoje é uma experiência rica para os alunos e sobretudo para turmas com problemas disciplinares, que vêm na figura masculina uma autoridade.” ■

# Dimensão mídia em debate

**A Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) realizará, no dia 19 de novembro, o Seminário Latino-Americano de Educação - A Escola na Idade Mídia. O objetivo é promover o debate entre educadores e estudantes sobre a importância da mídia no cotidiano escolar.**

O encontro, aberto a professores, alunos, diretores e representantes do Conselho Escola-Comunidade, também definirá questões que poderão ser discutidas durante a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, que será realizada, pela primeira vez na América Latina, em abril de 2004.

A 4ª Cúpula reunirá produtores, educadores, distribuidores, pesquisadores, publicitários e representantes da sociedade organizada, preocupados com a qualidade da produção e com a distribuição dessa produção pelo rádio, pela televisão e pelos meios digitais. A MULTIRIO e o Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes (MIDIATIVA) estão à frente da organização do encontro.

Todo esse debate estará diretamente ligado à legislação, à participação dos pais e educadores na crítica à mídia produzida e na criação de novos produtos, como explica a presidente da MULTIRIO, professora Regina de Assis: “Traremos ao debate a responsabilidade social da indústria de mídia, dos governos e da sociedade em um mundo diverso e desigual. Vamos também analisar os aspectos éticos, estéticos e políticos da produção e distribuição nos cinco continentes”.

Uma das intenções do comitê organizador da 4ª Cúpula é abrir também os mercados americano e europeu para as produções, não só da América Latina, como da África, Ásia e Oceania. A ideia é reforçar a participação e a união dos países da América Latina, aprofundando as principais questões que serão debatidas durante o encontro.

A 4ª Cúpula faz parte da articulação inspirada pela *Summit on Media for Children Foundation*, movimento mundial originado em Melbourne, Austrália, que desde 1995 promove discussões e ações em favor da mídia de qualidade para crianças e adolescentes. ■

**A 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes debaterá os seguintes pontos:**

- Respeito e promoção da diversidade cultural.
- Definição de critérios de qualidade para a mídia.
- Promoção da democratização no acesso à mídia de qualidade.
- Crianças e adolescentes atuando como produtores e críticos de mídia.
- Valorização da não-violência na solução de conflitos apresentados pela mídia.
- Convergência de novas tecnologias e suas consequências sobre a produção e distribuição de mídia.
- Urgência de ações e iniciativas nacionais e internacionais, relacionadas ao mercado de produção e distribuição.
- Educação como fator essencial para transformar as ações de produtores e distribuidores, contribuindo também para a constituição dos receptores críticos de mídia.



# Para sua atualização

Ciências e literatura. Estes são os destaques da programação de TV:  
A Máquina dos Alimentos, Um Dia de Festa e Ciências na Escola.

## TV

### A Máquina dos Alimentos



Reprodução

#### Sinopse

A série de 12 programas mostra como a política e a força da indústria de alimentos controlam o quanto e o que comemos. Fatos históricos e econômicos de 20 países são explorados para nos explicar como isto acontece. Fartura e miséria são lados da mesma moeda.

#### Na Escola

A comida está no centro da vida. Alimentar-se pode ser considerado um ato de amor, uma relação muito forte, uma espécie de espelho que reflete a história social, cultural e econômica de um povo. A busca pelo alimento muitas vezes une as pessoas em momentos de confraternização. A comida ajuda a estabelecer o rumo e o ritmo das celebrações. Ela reflete a cultura familiar e dá significado a acontecimentos. Partilhando o alimento podemos reforçar os laços e a coesão de um grupo.

#### Propostas de Trabalho

Quase sempre a comida fala de nossas raízes. Estabelece uma ligação entre a terra, o clima e os hábitos e costumes sociais, ajudando de certa forma a expressar a identidade de um povo.

Pense com seu grupo de professores e elabore um projeto de trabalho onde as áreas de Ciências, História e Geografia possam coordenar atividades de estudo que investiguem:

★ O alimento e suas tradições. As refeições podem ser consideradas rituais de identificação e alguns valores fundamentais da sociedade estão codificados nestes ritos. Pesquise culturas e sociedades diferentes para que seus alunos possam identificar, por meio dos alimentos, hábitos e costumes dos povos e estabelecer a forma como estes grupos sociais se conectam com o meio ambiente.

★ Nós somos o que comemos. Pesquise com seus alunos esta afirmativa, levando em conta como o marketing das indústrias de alimentos influencia a decisão de compra dos consumidores. Dê destaque para a qualidade de vida.

#### Área de Conhecimento

Ciências

#### Ficha Técnica

Tipo de produção:  
Documentário

País: Canadá

Produção:  
Arts & Imagens  
Productions Inc.

Duração: 30 minutos



## TV

### Um Dia de Festa

Reprodução



#### Sinopse

A série, de 13 episódios, tem como protagonista a criança. Destaca as principais festas populares, ligadas às temáticas da existência humana como esperança, vida e morte. Os programas apresentam como estes temas são festejados em diferentes localidades do planeta: Líbano, Marrocos, Nova Orleans, Tailândia, Rússia, Guiné, Borgonha, Córsega, Portugal, Israel, México, Polônia e Índia.

#### Na Escola

A série destaca a importância da participação de crianças e de jovens na transmissão dos costumes, valores e tradições de um povo. A partir da análise de um ou de mais programas, o professor pode levantar muitos pontos de investigação e de reflexão com seus colegas e, em seguida, com os alunos, estruturando um calendário particular para a sua comunidade escolar.

Toda escola tem um extenso calendário de datas que são comemoradas de forma coletiva. São as chamadas efemérides, que retratam alguma data que culturalmente tem significado para esta comunidade, como carnaval, dia da árvore, festa junina, dia do índio, das mães, dos pais e natal.

No entanto, muitas destas festividades são comemoradas todos os anos, na maioria das escolas, sem que o aluno saiba o seu real significado histórico e cultural - o que resulta, muitas vezes, em trabalho mecânico e pobre de valor educativo.

#### Propostas de Trabalho

Como, então, contribuir para uma mudança de postura e resgate de sentido da nossa própria história, sabendo separar o que vem a ser uma data meramente comercial, que estimula, em muitas situações, um consumismo alienado, de uma data que possibilita uma imersão cultural?

Refletindo criticamente o significado destas festas e comemorações junto à comunidade escolar, o professor poderá identificar os pontos que fortalecem o processo de construção da identidade do povo. A forma como estas comemorações são realizadas, ao longo da própria história da sociedade, mostra como as manifestações culturais são dinâmicas e vivas.

#### Área de Conhecimento

Cultura

#### Ficha Técnica

Tipo de produção:  
Documentário

País: França

Produção:  
Zoom Zoom prd., France  
3, Bayard Presse,  
Fondation René Moawad,  
CVN, Casablanca Films  
Prod., LPB, Channel 7,  
REN TV, TNG,  
Sinemassoci, RTP, IETV,  
Lugo Alopaeus e  
Euromedia

Duração: 15 minutos

# Bônus professor

TV

## Ciências na Escola



Reprodução

### Sinopse

A série de 20 episódios apresenta conceitos científicos construídos por crianças a partir de sua própria realidade, das brincadeiras de rua à observação de fenômenos naturais. Nos episódios, a observação, a experimentação e a investigação são os elementos-chaves para o estudo das ciências.

### Na Escola

Programas ricos e criativos que apresentam formas variadas e interessantes de interação de crianças e jovens com processos de investigação científica, por meio da vivência de situações que fazem parte do cotidiano, dentro ou fora da escola. A intervenção do adulto nos episódios é extremamente oportuna e desafiadora, valorizando permanentemente o conhecimento que esses jovens já tenham adquirido sobre os fenômenos e conceitos científicos.

Por meio dos programas, o professor terá como auxiliar seus alunos a:

- ★ Compreender a Ciência como um processo de produção de conhecimento e atividade humana e histórica, associada a aspectos de ordem social, econômica, política e cultural.
- ★ Identificar relações entre conhecimento científico, produção de tecnologia e condições de vida, no mundo de hoje e na evolução histórica. Compreender a tecnologia como meio para suprir necessidades humanas, sabendo elaborar juízo de riscos e benefícios das práticas científicas.
- ★ Formular questões, diagnosticar e propor soluções para problemas reais a partir de elementos das ciências naturais, por exemplo, colocando em prática conceitos, procedimentos e atitudes desenvolvidos no aprendizado escolar.
- ★ Saber utilizar conceitos científicos básicos, associados à energia, à matéria, à transformação, ao espaço, ao tempo, aos sistemas, ao equilíbrio e à vida.
- ★ Valorizar o trabalho em grupo, sendo capaz de ação crítica e cooperativa para a construção coletiva do conhecimento.

**Atenção professor! Antes de levar seus alunos para assistirem à série, junte um grupo de professores e debatam como são apresentados os desafios aos estudantes, para que, posteriormente, qualquer atividade proposta leve em conta, além da faixa etária, o interesse da própria turma.**

**Estas propostas são feitas a título de sugestão. Não é nossa intenção passar receitas ao professor. Consideramos que todos os vídeos podem ser usados por todos os segmentos, em parte ou totalmente. Quem deve fazer esta opção é você, professor!**



Educação Infantil



Ensino Fundamental



Vídeo



Professores



Impressos



CD-ROM



Internet

Descontos em faculdades e no teatro, visitas guiadas a museus e centros culturais e bolsas de estudo em colégios para os filhos. Estas são algumas das vantagens que a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro oferece aos professores da sua Rede de Ensino. **Nós da Escola** reuniu algumas delas para você, professor, conhecer e desfrutar.

- No Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), com a apresentação do contracheque, o professor municipal não paga entrada. Informações: (21) 2240-0068.

- Nos estabelecimentos da cidade que promovem lazer e entretenimento - como casas de show, cinemas, circos, teatros e centros culturais, professor paga meia-entrada. Os educadores receberão carteira funcional que será emitida pela Secretaria Municipal de Educação (SME). O benefício foi concedido pela lei nº 3.438, de 27 de setembro. Informações: 2503-2500.

- Funcionários municipais têm direito a bolsa de estudo, no valor de 30%, em colégios particulares de 1º e 2º graus. O convênio estabelecido com a Secretaria Municipal de Administração (SMA) é extensivo aos dependentes. A relação dos colégios conveniados está sendo elaborada pela SMA. Informações: 2503-3604.

- Livrarias da cidade concedem descontos de 10% na compra

de livros, mediante a apresentação do contracheque.

- Bolsas de estudo para cursos de graduação e pós-graduação em 13 instituições de ensino de nível superior para os professores e seus dependentes. Universidades conveniadas: Universidade Castelo Branco, Universidade Santa Úrsula, Universidade Veiga de Almeida, Universidade Cândido Mendes, Universidade São Judas Tadeu, Faculdades Integradas Anglo-Americano, Faculdade Simonsen, Unicarioca, Faculdade Bétencourt da Silva (Fabes), Faculdade Pinheiro Guimarães, Universidade Estácio de Sá, Faculdades Integradas Jacarepaguá e Faculdades Integradas Bennett. Informações: 2503-3604.

- O Museu Nacional, o Planetário da Gávea e o Museu da Vida oferecem atividades pedagógicas gratuitas. No Museu Nacional, o professor participa de um curso para conhecer todo o acervo da exposição permanente da instituição, recebendo inclusive material didático. Informações: Museu Nacional (21) 2568-1149; Planetário da Gávea (21) 2274-0046; Museu da Vida (21) 2590-6747. ■

